

Escritos ultracrepidários

Eu

Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

O outro lado do muro

A Chuva

A Árvore

O Cupim

Espaço-Pastel

Velho cinza monte

Sinfonia de córtex

Inteligência

A casa 41

Ouro cinzento

Chuva das quatro às cinco

O Príncipe e o Bosque

Vazio ocre

Cascalhos do Escuro

Mofo

Biológico

Guará

Aranhas do Telhado

Larvas da Finitude

Quase Baldio

Medo

Prata Fina

Fio de Ouro

Eucaliptos

Céu Vitral

Delírios de Sono

Luto

Grilos da Meia-Noite

Deleite do Vazio

Petricor

Sóis

Gangrena indolor

Sem-teto

Caronte

Leucena

Chão

O outro lado do muro

O cinza pó de pedra, manchado pela chuva que as vezes cai,
Esconde de forma desmazelada a história que ali se esvai.
Os velhos empilhados de tijolos, massa corrida e ferrolhos,
Apoiam os esquecidos troncos caídos, derrubados pelas chuvas envoltos de galhos.
O seco córrego que a terra ali separa,
Guarda as mais misteriosas palavras, de forma confusa e desampara.
Os saguis, aves, bois e outros animais,
Naquele misterioso mundo, se mesclam e misturam cada vez mais.
As casas de concreto, madeira e metal que no qual o homem se satisfaz,
Escondem com suas sombras o outro lado do muro que aqui jaz.

A Chuva

O barulho da velha calha, de forma alarmante,
Mesclam-se com o vento frio em um instante,
O cheiro da terra molhada,
As árvores e a nevoada,
Escondem de forma embaralhada
O fervor melancólico que em mim se espalha,
Entrelaçado com as gotas que correm na telha.
Pergunto a chuva:
"O que queres dizer a mim? Ó minha água turva"
E em uma resposta fria e ofuscada,
O nada.

A Árvore

Na espera de algo, sento na velha cadeira,
O brilho do sol tampado pelas nuvens, após a fria névoa.
O pequeno pardal que no mato se esgueira,
O grande sabiá-do-campo que pelo céu voa,
Completam o amontoado de galhos e galhas,
Que ali estavam, e ali estarão;
Ó belas folhas,
Mesmo que um dia no chão, cairão.

O Cupim

Tão pequeno, tão frágil e ignorante,
Sobre os números andam de forma inconstante.
Multiplicam-se, morrem e mudam,
Mas não consigo fazer com que entendam.
Criam crenças, contratempos, e discursões sem argumentos,
Brigam entre si propagando estúpidos ensinamentos.
Fazem a própria lógica, confusa e falha,
E mesmo que um dia entendam essas contas; essa fagulha,
Ainda não passará de só mais uma.

Espaço-Pastel

Pelos gastos tijolos da calçada,

Pelos comuns pardais a planar,

Atrás do obscuro jatobá,

Ignota área a se camuflar,

Com seu vãos revestidos pela pouca grama,

Suas velhas ranhuras e rachaduras,

Sua incógnita história,

Beleza do ignorado oblíquo; das cores velhas, pasteis.

Velho cinza monte

De monte em monte, visando a paisagem nebulosa,
Entre a alta grama, molhada; frente fria;
Sob tal céu cinza; melancolia; nostalgia duvidosa;
A velha bota encharcada; contemplar o que ninguém via.
Entre velhos esquecimentos; sublime paisagem
Com névoa chorosa, turva, pacífica.
- "Eu lembro, lembraria, lembrara"- Disse a velha.
Com quem? Sem.
- " Pouco importa; que bela vista" - Disse a senhora.
Com quem? Sua lírica.

Sinfonia de córtex

No campo sangrento,
Sob céu sem dragão,
Grita o cavaleiro pustulento:
"-É invasão!".
Ao correr pra varanda,
O céu furta-cor,
Estrela apresada,
A lança indolor.
Entre coices e espadadas,
Entre o sublime da vastidão luminosa,
Os gritos abafados pelas estocadas,
Sem vitória gloriosa.
Das velhas árvores abstratas,
Do caminho sem trilha,
Das secas cascatas,
Da guerra, sem precedida guerrilha;
"-Esqueci-me".

Inteligência

Por entre passos leves no chão de vidro, temo;
Por entre a soberba sobre a pirâmide inversa, rio;
Após os cacos meu pé rasgarem, choro;
Após a queda minhas pernas quebrar, vejo.

Depois de meu tendão romper, ajoelho-me;
Depois do abutre minha pele cavar, entristeço-me.
Talvez minha força seja me render;
Talvez meu erro era o azedo endossar.

Mergulho sob símbolos vazios, ou talvez cheios,
ou talvez cheios de vazios.
Como ser erguido em um longo espinho.

Será que há lógica?
Ou será que é como a beleza?
Ou como tinto do vinho?
Ou será como o claro e sombrio?
Conceito instável, como no cerne da consciência.

A casa 41

Vago sobre a brita. Rijeza.

Grito em silêncio. Choro.

O suor voa. Brisa.

A sombra vejo. Ouro.

A árvore qualquer me envolve. Encosto.

As paredes de velhas grades. Simplório.

O interior leve do quintal. Morto.

História oblíqua e perdida. Sorrio.

Quase palpável de tão imaginário. Ócio.

Quase novo de tão velho. Lembro.

Quase vermelho de tão cinza. Aprecio.

Quase cheio de tão vazio. Cubro.

Ouro cinzento

Arejado quarto, como escudo, cobre-me.

Frio sublime, como onda, abraça-me.

É colosso quando dorme;

é rosa inerme.

Barulho contínuo, como sono, domina-me.

Soturno odor, como redemoinho, engolfa-me.

Corta quando gume;

acalma quando leme.

Em um coro mundano,

a amálgama do ordinário.

No teclado do piano,

o zarpar do corsário.

O vestindo nebuloso,

como um presente astral,

dança volumoso

na ampulheta horizontal.

Chuva das quatro às cinco

Descreve o pacato sem nenhuma palavra.

Alia-se perfeitamente com o castanho do café.

Dança suavemente com teus ventos, como eremita em lavra.

Engolfa-me do crânio ao pé.

Faz do jatobá teu candelabro,

Cuja chama é subentendida como o frio.

Faz dos relâmpagos teu leão sicário,

cujo rugido é outorgado como macabro.

O seu ritmo não tem início,

Tampouco meio... quem dirá fim!

Tua melodia embaralhada aprisiona como vício,

Vício esse que ri gélido de mim.

Por além das gotas ricas em tantas notas que por pouco não coube,

Há uma intenção obscura, nem boa e nem vil.

Como se o cinza do céu brincasse com folha dentre outras mil.

Como se quisesse me lembrar de algo que nunca vi , mas sempre soube.

O café está pronto.

O Príncipe e o Bosque

Após longa jornada à sua terra natal, a nobre figura encontra-se ansioso para rever seu velho lar. Chegando a um velho bosque, cavalga com seu adornado equino, sem olhar ao arredores esverdeados. Tamanhas preocupações são, aos poucos, abafadas por um chuvisco que se inicia suavemente, tornando, paulatinamente, o ambiente mais úmido e frio, envolvendo-o com névoas rasteiras.

O príncipe, com suas vestimentas fartas, começa a amenizar sua pressa, deixando o trote de seu cavalo mais lento e calmo, apenas para apreciar o entorno, estranhamente belo. Em uma briga constante entre o verde-louro das árvores e o cinza oscilante da garoa, o membro da realeza vê-se em um sentimento novo, indescritível, o qual só pode ser entendido por aqueles que o sentem. Tal sensação, toma a mente do sujeito, que, agora, não mais se preocupa com a chegada ao reino, tampouco com qualquer outro pensamento, que não seja a chuva que brilha em simplicidade a sua volta.

O jovem, como se bebesse litros de rum, não consegue se preocupar com mais nada, e, sem soltar uma única palavra, retira sua capa de pele, deixando-a em cima de seu companheiro de viagem. Andando sobre o barro da estrada, assenta-se em uma rocha no limite do bosque com o trajeto, visando ao sentir da queda d'água com mais precisão; visando ao sentimento tão simples de se apreciar aquela pintura natural, aquela música cujo ritmo é suserano à qualquer regra sinfônica do mundo humano.

Uma maré de questões envolvem a mente do príncipe: será que há ouro mais precioso? Será que há diamante mais belo? Será que há algo que importe mais do que assistir tal nimbo? A resposta era clara.

Quando as gotas de água celeste cessaram, deixaram apenas o orvalho e um ensinamento oblíquo a uma mente ignorante.

Vazio ocre

Vivo vago no vazio ocre.

Vazio vasto e vazio em cor.

Em minha mente, o lacre;

Em minha cervical, a dor.

Morto moro no vazio ocre.

Vazio vadio e vazio em cor.

Agora, com larvas em meus olhos, medíocre;

Agora, com fungos em meus ouvidos, sem vigor.

Grito com as pupilas ocre,

Aos poucos, engolfado por lassidão.

Sempre lutarei pelos nacres,

Caso contrário, em ocre, afogar-me-ão!

Cascalhos do Escuro

Em caminho cego pelo lago negro,
Às vezes se esquece como se voa o currupião;
Às vezes se esquece como se cai o relento;
Às vezes se esquece como se amacia a terra;
Às vezes se esquece de andar sobre os cascalhos.

Dos frios que congelam os pés,
Faz-se a saudade da garoa; do gélido.
Mas as larvas me roubam a memória; me roubam o tempo
Com suas pressas torpes; com seus corpos pálidos.

Não me lembro da manhã, da tarde ou da noite.
Minha mente é ferrugem; meu cérebro fede à carcaça.
Sou prisioneiro de meu crânio.
Sou ração das larvas.

Mofo

Livre estou.

De que me vale parar,

Se quanto mais paro mais corro?

Atrás da cama,

O mofo cresce.

Preso estou.

De que me vale sorrir,

Se quanto mais sorrio mais choro?

No teto do quarto,

O mofo cresce.

Por que rei farta-se de ouro,

Se por ouro acorrenta-se ao trono?

Por que luta o soldado,

Se por luta perde-se o estômago?

Em todo lugar,

O mofo cresce; mofo sou.

Biológico

Em caos, faz-se em meio à plaga úmida
A massa ambulante, que rasteja dentre entranhas quentes,
Fervendo; faminta; torpe; uma grotesca matéria amalgamada.
Ela ergue-se do limbo vazio, sem corpo e sem alma e sem dentes.

Bombeiam as águas os trovões!
Radia as terras o Sol!
Misturam os lagos os tufões!
Multiplicam os ambulantes em caracol!

O que é tamanho mistério?
Como se explica, pela mera existência, essa infinita guerra?
A resposta cultiva-se em pensamento frio:
Elas são terra.

Guará

Das dunas cinzas dos frios desertos,
Voa-se o Guará, em tua pluma rubra.
Com teus pequenos olhos pretos,
Submerge-se no céu pardacento, em umbra.

Como poderia o infinito pálido devorar,
De forma tão gélida, tão vivo vermelho?
Em resposta, brilha o Guará vestindo o nebuloso orvalho,
Riscando o céu, a terra e o mar.

Corta-se a imensidão grisalha com teu carmesim...
Carmesim de tuas penas... Carmesim de teus sangues.
Que injusta guerra que lutas para que teus tributos pagues.
Mas se mantém em voo e impávido, ainda assim.

Não importa a extensão de qualquer colosso cinzento,
Cuja presa grotescamente cruel o coração gelará,
Se do cerne de teu corpo pustulento, emergir,
Com tuas asas... tuas garras... O Guará.

Aranhas do Telhado

Na penumbra das telhas,
Criam-se as aranhas, em emaranhados escuros,
Rastejam, comem, devoram, criam sua fortaleza de teias
Grudentas, caóticas, confusas,
Fazendo um espetáculo meticuloso para meus olhos.

Crescem em lua, em sol e em chuva. Elas se espalham.
Elas se espalham sem parar.
Imortais eu diria!
Temidas sejam essas criaturas tão vorazes e perpicazes.

Volto a olhar entre as telhas; entre os caibros velhos;
Mas onde estão as aranhas?
Por que só há teia? Errado,
Nem teia há mais.

Como efêmero é a matéria.
Como cruel é a maldita ampulheta
Que esmaga tudo com sua areia fria.

Mas continuo olhando as aranhas,
Brigando, rindo, orando, trabalhando,
Criando sua fortaleza grudenta, caótica, confusa...
Como são imortais...
Como são imortais as aranhas do telhado.

Larvas da Finitude

Não importa o quão forte é o ferro;
Não importa o quão bela é a flor;
Não importa o quão brilhante é o Sol;
Não importa o quão poderoso é o rei.
Nada importa. Nada importa para as larvas.

Como são diáfanas as larvas.
Como são sutis; como são impávidas.
Com seus olhos vazios... Com seus corpos pálidos...
Como são frias as larvas que tudo roem.
Como são indecifráveis.

Elas devoram minhas pupílas;
Meus ossos; minha carne; meus cabelos;
Minhas unhas; minhas mãos; meus pés.
Elas devoram minha mente.
Elas devoram tudo que acho que é meu.

Que sadismo é cultivar tantas larvas
Em minhas entranhas.
O que resta é deixá-las roerem
Até que me arranquem o coração.

Quase Baldio

Passam os carros.

Passam os homens.

Passam os cães.

Passa o vento.

Tudo passa e passa e passa.

Não lembro o que olho.

Não lembro o que ouço.

Não lembro o que falo.

Não lembro de nada.

Não preciso lembrar de nada.

O mesmo espelho.

O mesmo ônibus.

O mesmo aglomerado.

O mesmo andar.

O mesmo parar.

O mesmo dia.

A noite vem.

A noite vai.

O dia vem.

O dia vai.

Não tenho mãos.

Não tenho pés.

Não tenho braços.

Não tenho pernas.

Não tenho olhos.

Não tenho boca.

Não tenho ouvidos.

Não tenho mente.

"Mas que céu lindo"- disse a moça.

É, realmente, que céu lindo.

Medo

Noite cai.
Tingindo o chão com penumbra densa.
Penumbra essa que morde o calcanhar.

A porta fecha.
Estalando pela compressão do frio.
Frio esse que perfura a palma.

O cão late.
Interrompendo o descanço da pálpebra.
Pálpebra essa que teme o sono.

Passos. Olho. Nada.
Toques. Olho. Nada.
Susurros. Olho. Nada.
Corridas. Olho. Nada.
Batidas. Olho. Nada.
Gritos. Olho. Nada.
Coração. Olho. Nada.

Abro o crânio. Fecho os olhos. Nada.

Prata Fina

Olhos pesados

Ombros afundados.

Faca cega que rasga medula cerebral.

Flecha sem ponta que penetra lobo occipital.

Mas que cinzas são os ratos que forram o chão.

Mas que também tampam o céu em vastidão.

Malditos postes que ofuscam estrelas.

Mas não podem apagar velas.

Finalmente solidão que lembra.

Ó astro que é sina.

Finalmente à luz que me fascina.

Lembra de curar os olhos de umbra.

Mas como é finita a pausa divina.

Mas como é pobre em trégua.

Mas como é cruel a rotina.

Mas como é bela a lua.

Fio de Ouro

Cegam-me vendas de tecido fino.
Vago sobre pálidas flores,
Flores estas que esfriam os pés.
Perdido em infinito homogêneo.

Mas costureira diáfana,
Que sem nome e sem forma,
Costura fio do Inalcançável à meu crânio
e do meu crânio ao Inalcançável.

O fio entrelaça-se aos sulcos de meu cérebro,
Aos ventrículos centrais e aos labirintos neurais.
Cada passo; cada sorriso; cada choro;
Tudo passa pelo fio.

Guia cruel; guia frio; guia vazio.
Mas seu vazio preenche vazio.
Guia bondoso; guia vigoroso; guia farto.
Mas sua fartura devora fartura.

O grilão que prende é a mão que liberta.
Os dentes do leão são a carne do bisão.
O fio cega-te,
Mas sem fio não se vê.

Eucaliptos

Fecha o céu com colossos cinzas e frios.
O Sol é engolido por rescaldo indolente.
Calam-se as aves sob atmosfera cansada.
As árvores cercam, em grupo homogêneo, a mente.
Pálidas; altas; finas; iguais.
O Eucalipto devora o Norte e o Sul.
Cada passo à frente vale como outro atrás.
Sem rumo; sem calor; sem luz.
Perdido dentre tais alvas grades
Que aos gritos respondem com Nada;
Que o encéfalo descascam em gélida inclemência;
Que encurvam a cervical e rangem a lombar;
Que apodrecem as vísceras em inorgânica massa torpe.
De tão rígido, o crânio trinca.
De tão mole, o coração desmancha.
De tanta visão, cai-se em perdição.
Tudo me tiram os calipais.

Céu Vitral

Como o céu de vidro, de tão hialino
Faz de minha mente diafaneidade.
Como minha mente de vidro, de tão diáfana
Faz de meu sangue vermelho água fresca.

Como meu crânio esqueceu dessa cor de céu?
Cor sem tom, sem Sol, sem Lua, sem nada.
Como lembrar de algo que não há?
Como lembrar de um céu sem cor?

Não tenho pés e não tenho mãos.
Não tenho olhos e não ouvidos.
Só sentimento transparente,
Que, sem palavras, me faz lembrar de tudo.

Pele descasca; Carne desfia.
Ossos esfarelam; Órgãos apodrecem.
Tudo some e nada sobra.
Durmo nas placas frias de vidro.

Delírios de Sono

De tão cansado, o brilho perde e o azul morre.
Vitoriosa é a penumbra encrustada de estrelas.
E os velhos olhos anseiam afogar-se em mesma derrota.
Mas os velhos olhos que ardem em vermelho não podem apagar.

E festejam os astros que dançam no infinito.
Brilham, gritam e riem no denso tecido negro.
Os olhos lutam contra a vastidão.
Mas como é cruel lutar desejando espada no coração.

E, como Roma, quebra o império cintilante.
Não há mais estrelas. Só há a Lua.
Tudo que resta são nuvens marrons.
E se implora pela perda dos pobres olhos.

E nasce azul no Leste. Devorando escuro com brilho cego.
Alvas são as nuvens do novo Império. Até a Lua afunda no azul.
Mas pobres olhos, que imploraram pra morrer,
Mas que agora morrem implorando pra viver.

Luto

As paredes são brancas.
As flores são pitorescas.
As luzes são diáfanas.
As janelas são hialinas.

Abre a porta o visitante.
Sua pele tão putrificante.
Seus braços tão longos.
Seus olhos tão cegos.
Sua coluna tão torta.
Sua boca tão morta.

Ele se assenta no canto da sala.
Não adianta atacá-lo.
O que outrora abriga, agora cela.
Não adianta cobrí-lo.
Como pode tal mazela.
Quanto mais olho, mais me maculo.

As paredes são negras.
As flores são murchas.
As luzes são escuras.
As janelas são manchas.

Grilos da Meia-Noite

Pensa-se que a Escuridão é aquela que devora;
Aquele que multila a mente até nada sobrar.
Pensa-se que a Noite é aquela que amedontra;
Aquele que assusta até o olho chorar.

À meia-noite brilham as estrelas;
Brilham no eterno escuro dos céus.
As estrelas me lembram do que é a mente;
Do que são meus olhos de carne.

À meia-noite cantam os grilos;
Cantam em sinfonia distorcida.
Os grilos me lembram do que é a mente;
Do que são meus ouvidos de carne.

Como é fria a noite.
Como são frias minhas mãos.
Como é fria a Lua.
Como são frios meus pés.

A Escuridão é aquela que revela;
Aquele que te lembra o que é ser.
A Noite é aquela que atenua;
Aquele que alivia o peso de viver.

Deleite do Vazio

Chuva abraça as costas como abraça a mãe.
Relva esfria os pés como esfria o gelo.
Céu acinzentado a íris como acinzentado o cigarro.
Mente para como para Mente.

Somente em instantes assim,
E em nenhum outro,
Pode-se sentir o verdadeiro sabor do Frio.
Pode-se sentir o verdadeiro som do Cinza.

Como se pode descrever?
É como explicar uma cor;
Mostrar um gosto.
Não há.

Tanta sangria na palma da mão;
Tanta latência no âmago do cérebro
Que só tal relento; só tal túbio;
Pode curar.

Petricor

Os alaridos das nuvens,
Em relâmpagos brancos como o Sol,
Abrem os tímpanos da mente.
Cada tormento do mundo humano;
Cada latência indolor do crânio;
Cada roxeado por baixo dos olhos;
É lavado pelo relento frio da manhã.

A chuva, como um modernista,
Rasga as partituras, e cria, em caos,
Uma sinfonia cacofônica.
Ou uma cacofonia sinfônica.
Todavia, regular.
Pouco importa os termos técnicos do homem.
Tampouco suas métricas vazias da matéria.

Agora, tudo que importa é o que captam os nervos:
O Gélido; O Cinza; O Temporal;
O Petricor.

Sóis

Campo verde
Sol de Janeiro
Corre o corcel
Sem parar
Em ritmo perfeito.

Céu azul
Sol de Maio
Voa peregrino
Riscando o ar
Partindo as nuvens.

Mar verde
Sol de Novembro
Nada o marlim
Quebrando a água
Rompendo a maré.

Teto bege
Chuvas de Abril
Acorda o homem
Pés de corcel
Olhos de peregrino
Testa de marlim
Rasgando a mente
Mascando sonhos.

Gangrena indolor

Os dias passam como anos.

Os anos, como dias.

Manhã chuvosa.

Mas não há tempo para amainar os olhos;

não há tempo para sentir o café;

não há tempo,

afinal, em dez minutos, ônibus.

(A gangrena devora o calcanhar)

Tarde alegre.

Mas não há tempo para azul;

não há tempo para arroz quente;

Não há tempo,

afinal, em dez minutos, fim do almoço.

(A gangrena sobe ao peito)

Noite fria.

Mas não há tempo para estrelas;

não há tempo para penumbra;

não há tempo,

afinal, em dez minutos, amanhã.

(A gangrena come a mente)

Tornou-se gangrena.

Sem-teto

Pés descalços;
Asfalto quente;
Trapos sujos;
Juventude morta pelos cabelos brancos.

Mãos calosas
Que, inutilmente, cavam a areia movediça.
Mais fundo cai;
Menos luz fica.

Uma guerra eterna
Contra estômago feroz;
Contra garganta seca;
Contra testa quente.

Alaridos sem forma.
Olhos sem pupila.
Corpo como reflexo do vento:
incorpóreo.

Caronte

A névoa fria que escorre pelo horizonte
Condensa na taboa que cobre o brejo interminável.

Lá vaga Caronte,
Com teu corpo magro;
Com tua barca velha;
Com teu leme sujo,
Arrastando a água verde.

Coaxos...
Chirrios...
Estrídulos...

Parece exílio.
Prisão tediosa.
Eterno labor.

Mas aspira o ar gélido o barqueiro,
Que dança estático sobre a paina.
Poupando o peito;
Lavando o crânio.

Sorria ao Brejo.

Leucena

Sementes planas.

Folhas pequenas.

Captação de luz perfeita.

Troncos sólidos.

Absorção hídrica prática.

Tempo de vida sob medida.

Estrutura otimizada.

Um organismo coeso; ótimo.

Vence os morros de Minas,

A secura do Nordeste,

O frio do Sul,

A vastidão de Goiás,

A densa Amazônia.

Invasão implacável; imparável.

A competição vencida.

Terras tomadas e bandeiras fincadas.

Mas, sem mais equilíbrio ecossistêmico;

Sem zelo com próprio império,

As raízes não aguentarão tão extensa copa.

Morrem as Leucenas.

Chão

Céu parece mar.
Cirros, como ondas,
Arrastam o azul.
Bom seria cair no céu;
Nadar na chuva;
Colecionar estrelas.